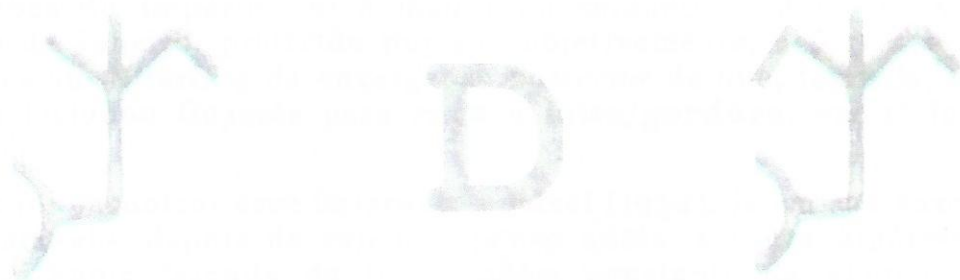
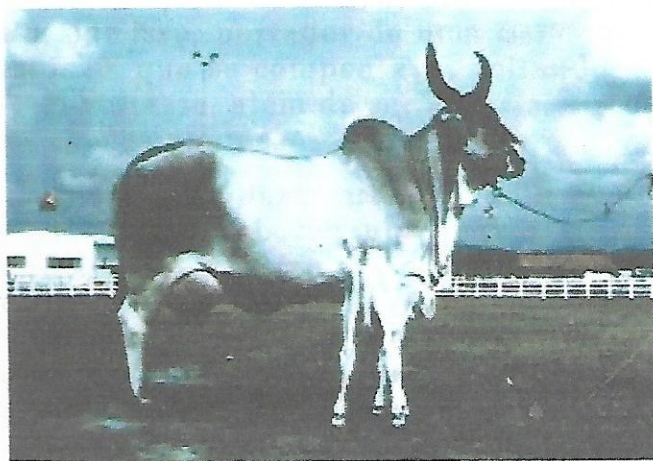




GUZERÁ EM TRÊS TEMPOS OU GUZERÁ DE TODO O TEMPO



- DEPOIMENTO ELOGIOSO E PROTESTANTE DE UM INDICIADO -



JULHO 2003

I – Começos naturais – Emoções saudáveis no caminho.

Na diversidade dos elementos biológicos da Natureza, uns fornecem comidas básicas pro Homem viver, outros lhe prestam serviços e há outros que vão além dessas concessões materiais, concretas, alcançando a dimensão transcendente de oferecer, também, ao mesmo homem, Beleza e Celebrações.

O Guzerá, entre os animais do Mundo, é um desses elementos integrais, que além de leite e carne no prato da Casa, em alguma tarde mansa da Fazenda, enche a vista e o espírito d'agente dessas transcendências, gerando uma emoção que vai bater na percepção da Grandeza das coisas do mundo de Deus.

Foi o que deu em mim, num dia desses, tangendo no rebanho Guzerá de minha querência, Chuí-D, Domadora-D e Energia-D, as três de crias novas, no final das chuvas, ancas e lombos largos e bem cobertos, úberes firmes e cheios de leite, expressão altaneira pela "canga" e passo soberbo, exclusivos do Guzerá legítimo, com aquele balanço ritmado, no andar e nas orelhas, que remetem à harmonia cadenciada de uma morena bem brasileira, sambando em estado de alegria. Findei o dia, num acesso silencioso de exaltação, ali sozinho, imaginando uma delas, a figura emblemática do Nordeste firmado no chão de sua Terra. Entrei em casa contente da vida.....

Esse gado, como se sabe, filho da genética primordial dos pré-desertos da Índia, chegou aqui pela iniciativa de criadores intuitivos, na busca pioneira de ruminantes tropicais, quando os gados coloniais, degenerando para adaptar-se ao Chão e ao Sol do Brasil, comprimiram a produtividade e as produções que vinham de outro Hemisfério. Dando no que deu, isso já é uma lição da História.

Dos Barões do Império, foi à mão e ao cuidado de João de Abreu Júnior, no Rio de Janeiro, preferido por ele, objetivamente, a partir do seu balcão de carnes em Niterói e da enxergação posterior de que, também, dava bom leite. E selecionou Guzerás para **raça e leite/gordura**, em 1º lugar, talvez, no mundo.

Meu Pai foi encontrar esse imigrante notável (1934), já em sua Fazenda Itaoca, em Cantagalo, depois de rejeitar, pouco antes, a outra hipótese de adquirir Zebus, numa fazenda de Gir também constante do anúncio, no Anuário da Revista Chácaras e Quintais, que levava consigo, no navio e no trem em que viajou até lá. O seu "instinto zootécnico" (Otávio Domingues fala bem da existência disso) que era muito, lhe disse que o 1º gado não serviria, sem saber, naquela hora, que vinha de regiões de clima regular e que o outro, o Guzerá de João de Abreu, era nativo milenar de zonas secas rigorosas da Ásia e, por isso, portador de uma fisiologia ajustada à intermitência de águas e pastos. E que se compensava, voltando a crescer, quando, adiante, a chuva também voltasse, além de ser especialista em transformar material fibroso em leite e carnes nobres.

"Esse gado dará certo lá", foi o que sentiu e pensou, como me contava. Não quis o Gir e botou num navio até o Recife, RAJÁ JA, MALIQUE JA, RIBEIRÃO JA, três fêmeas e mais dois outros, para meus tios. Um caso de pura Empatia, de forte Paixão, daquelas que ensinam a Razão aos homens.

À mercê dessa Razão, já não só suposta, nos anos 40, não podendo comprar todo o lote, intermediou, a pedido do Cel. João de Abreu, um repasse para outro criador em Campina Grande, ficando apenas com ITARARÉ JA,

PAQUETÁ JA, RAMEZONI JA e sete fêmeas. Esse gado chegou aqui, tangido no pé, desde a Bahia. Ainda hoje, sei da minha inquietude nesse dia, quando o Pai falou da chegada iminente, repetindo que Guzerá era o bom, e o melhor era o J.A., porque dava leite e era puro.

Em 1953, aberta a estrada, voltou à Itaoca, já com Seu Joãozinho, filho do pioneiro, e trouxe, por caminhão, MACUCO JA, LORD JA, CANGERÃO JA, HERÓI JA e mais quatro tourinhos para meus tios, como fazia toda vez, me causando por dentro, todos os ciúmes, pois achando todos fantásticos e reclamão como bom adolescente, queria tudo.

Tive o meu mundo mítico de menino sertanejo, povoado de acontecidos marcantes, entre a casa e o curral de todas as manhãs, onde Guzerá, Chuva x Seca, Cantagalo, etc., eram assuntos freqüentes, nas estórias e cenas de minhas lembranças:

- *“Em tempo de seca, esse gado dos chifres grandes, agüenta mais. Come folha seca do chão, come bem macambira e cardeiro e só descai depois dos outros; espera mais pelo inverno.”* – Seu Emiliano (1944), austero e fatalista gerente da Fazenda, na montaria de quem, eu ia à garupa, por uma vereda da Caatinga nua.

- *“Vaca Guzerá só parte, quando o bezerro novo está junto. É pra defender ele, tenha medo não.”* – Cazuza Emiliano (1944), vaqueiro, me protegendo entre a porteira e uma vaca recém parida, eu com o caneco de asa que ganhara, para aprender a tirar leite.

- *“Espere por aquela, essa daqui tem o leite duro e o peito grosso. Da vaca azulada é macio e cabe na sua mão; vai encher seu caneco.”* (idem, idem).

- *“Ou vacas bonitas!”* – Minha Mãe (1945), no terraço, vendo passar um grupo no pátio, enquanto fazia um curativo no dedão topado do meu pé...

- *“Agente fala e elas vão. Essas outras, ficam teimando, querendo voltar pra comer mais.”* – Seu Chico Clementino (1945), vaqueiro, apontando as Guzerás, me ensinando a tanger o gado pro curral após bebida no açude, eu ao lado, escanchado e fagueiro, num jumento em osso.

- *“Esses chifres, que deixam o gado até mais bonito, têm que ter serventia. Se não, a Natureza tinha tirado eles.”* – Seu Manoel Damião, Mestre de Açude e Profeta de Chuva, de barba e cabelos bem brancos, dos mitos do meu mundo primitivo, no Escritório dos sábados, na cidade, onde eu ia escutar a administração e as conversas.

- *“Quando vem o leite da Carnaúba, o queijo cresce...”* – Maria Cajarana, queijeira sertaneja, despejando a coalhada já cozida em leite, na urupema grande da panela de barro, agente esperando escorrer para mordiscar pedaços, no “quarto do queijo”, da casa da rua.

- *“Um dia, leite, como qualquer outra mercadoria, vai ser vendido pela qualidade. Por isso, Seu Dantas, é preciso um zebu manso, leiteiro e mantegueiro.”* – Meu Pai, contando de João de Abreu, mostrando a espessura da coalhada na terrina, sobre a mesa do jantar.

- *“Essa Raça é danada. Agente vê logo, entrando num curral: a bezerrada acende as orelhas, olhando uns por cima dos outros, como se fosse tudo igual e só tivesse dela.”* – Pedro Félix, esperto comerciante de gado,

amigo da casa (comentário análogo ao que faz Eduardo Duvivier, no livro clássico de André Weiss ao escrever a apresentação da raça Guzerá).

Creio que a "leitura" do Guzerá, que me transformou no radical manso e encantado que sou, vem desses tempos, dessas observações empíricas, atiladas e espontâneas, de pessoas simples e de verdade. Já estavam embutidas nelas e assinaladas na memória básica, as virtudes que destacam o Guzerá, de outros elementos da Natureza:

- A propensão de **adaptabilidade**, que é condição primeira, na seleção de uma raça.
- A **fixidez genética**, que leva, por dominância maior, rapidamente, à homogeneidade, fator de rendimento numa criação.
- A **habilidade materna**, revelada desde a prontidão com que defende o filho, uma espécie de **caráter** que, por exemplo, as holandesas já perderam, reduzidas àquele esqueleto passivo, parado e incomodado, que só lembra o jeito alesado de um vivente com idiotia...
- A maior **previdência biológica**, guardando no miolo dos chifres, que completam o desenho, reservas minerais, além da gordura no cupim.
- Uma certa **frugalidade**, indicativa da maior competência em metabolizar plantas fibrosas, revelando a aptidão para aumentar os sólidos do leite e reduzir custos.
- A **qualidade do leite**, consistência superior, quando se sabe que a maior parte do consumo, em qualquer região, é sob a forma de laticínio.

E, envolvendo tudo isso, a Beleza peculiar, no perfil e na altivez da postura, quando pára, se amostrando com o ar expressivo de uma forma de inteligência, típica de mulher sóbria, bonita, forte, suave e elegante.

Em 1964, já pleno engenheiro, dirigindo uma Rural, pela Rio x Bahia semi - asfaltada, com o Pai, fui, pela 1ª vez, até Cantagalo. Tudo o que meu imaginário, bem condicionado, fantasiava, foi pouco.

O mundo ondulado do Vale do Paraíba, pessoalmente, era ainda mais bonito; na Itaoca, a arquitetura do tempo do café, mais simpática do que ouvira; o rebanho era homogêneo e belo; o dono e a dona eram de trato distinto; as anotações que me deixaram ver, remontando ao começo do século, de pesagens de leite para assinalar reprodutores e acasalamentos, emocionavam até pela caligrafia garranchosa com que foram feitas. Um conjunto de sete vacas enchendo canecos e um arco de sete touros que mandaram alinhar, com Bhoris, indiano recente, no meio, bem pequeno, mas de idêntica pelagem e perfil Kankrej dos outros, me causaram tal impressão e euforia, que Oliveira, amigo e comprador de gado, companheiro na ida, para voltar no caminhão, não se conteve e me puxou pela camisa: "Deixe pra elogiar depois, quando seu Dantas acertar os preços..." Aquilo lá, era maior que um simples rebanho e um pedaço de terra, era um magnífico acervo pecuário do Brasil real, do Futuro e do Presente. Obra de vocação elaborada, resultado de competências, de trabalho duro, de consciência inarredável.

Dessa vez, vieram: DIPLOMATA JA, o filho de Itabira; LÍDER JA, o filho de Universal e Jurema; XANGÔ JA, filho de Patrimônio; RÉGIO JA, filho de Rebento e TANGO JA, o filho de Gladiador e Acácia, irmã de Faisca, a

recordista de gordura no leite, destacados a meu pedido, com o Pai glosando minha insistência, e mais quatro outros, os dos tios, irmãos dele e não meus, como eu dizia, contrapondo ao riso doce com que ele falava a seu Joãozinho, não precisar essa segunda escolha.

Meu dinheiro só deu para comprar três fêmeas: LÍBIA JA e TURISTA JA, filhas de Odeon e LATINA JA, filha de Cubatão e Argentina, mãe de touros da Itaoca, as três primeiras vacas que tive. Vim de lá como quem fosse Senhor de meio mundo: proprietário de três Guzerás e um touro emprestado, para a "Fazenda" Artifício, de 36 hectares, que comprara perto da cidade, para aliviar, nos fins de semana corridos, o ambiente pesado e obscuro que se instalava na Sudene e na Universidade, pela Ditadura em seus começos tortos.

II - Construção do jogo e suas regras - A consolidação da Razão.

Adiante, quando tive de largar as atividades urbanas para vir, por consenso dos irmãos, assumir as Fazendas, além da confiança que tinha na sabedoria ("o comércio, às vezes, quer outra; mas, pra criar aqui, o melhor é Guzerá...") e no caráter do Velho e do que já tinha aprendido como amador e amante, os exercícios de lógica da minha cabeça de engenheiro, me fazendo indagar mais, e conferir tudo, coroaram a decisão excludente, de ser o Guzerá, **a raça** que deveríamos continuar criando aqui.

Foi muito bom poder juntar às coisas do sentimento e da sublimação de saudades, novas informações objetivas, para o trabalho e a responsabilidade do silvo-pecuarista em que, então, fui convertido, em tempo e empenho integrais, até hoje.

Matamos as grandonas e tardias Indubrasil da outra Fazenda, cancelamos os cruzamentos, mesmo que leves, com Simental ou Schwyz da outra e fui eliminando as mestiças preexistentes, à medida que a compreensão de Seu Joãozinho Abreu, nos anos seguintes, nos cedia quase uma centena de prolíficas e longevas Guzerás.

Os **nomes** das raças de plantas e de animais, desde galinha até os maiores, incluem, sempre, uma referência geográfica, do lugar onde nasceram ou foram feitas, insinuante da conciliação essencial, entre bicho vivo e latitude, numa relação de causa x efeito. Bastava isso na minha cabeça, para acender uma rejeição a pseudo-cosmopolitismos e pensar que num País fisiograficamente tão diverso, não caberia vaca Hereford e Holandesa, ou outras "raças melhoradas", desde o Rio Grande do Sul friorento, até a Amazônia quente e úmida, sobrepassando o Cariri seco de Taperoá, como prescrevia, por exemplo, o Manual de Crédito Rural, pedindo, conceitualmente, um mínimo de 3/4 de sangue desses tipos, para financiar um produtor, ou capins em moda, nativos de extremos sul, que me sugeriam plantar.

Aliás, desde a Engenharia Sanitária, eu já tinha aprendido que não prestava "adotar sem adaptar", tecnologias e procedimentos de outros mundos, respeitando a lição do estadista paraibano (1926) João Suassuna: "Somos um povo, suggestionado pela política inferior dos decalques...". E Engenharia é, até, mais simples.

Dependente das Secas e da Pecuária de ruminantes, a eliminação das lavouras anuais lotéricas, a apreensão de textos lidos, constatações de experiência vivida, um certo inconformismo e disciplina de pensamento, além

de analogias (fui importar capins perenes africanos, da Austrália), construíram a radicalidade que alcancei, centrada no Guzerá, no que isso tenha de raiz, firmeza não sectária e consistência, que me deixa, pacificado, até, driblar alguma impaciência, dessas que o tempo cansador agrega em quem leva a vida arengando com a dúvida e os erros e querendo o certo também pros outros, numa região sem base tecnológica estudada, sob equívocos institucionais cruéis, de prioridade político-social secundária e desencontrada, como suas chuvas.

Vou contar mais, desse caminho e suas veredas, o que me valeu, e ainda vale, como quem continua depondo a favor de sua fé, para amigos de bom gosto e juízo, dos vários que tenho. Pode servir a alguém:

• No tempo das ações intuitivas, do 6º sentido e do “olho vivo” dos criadores, o grupo do Guzerá, e não outro, **predominou**, nas importações feitas da Índia, após as iniciativas imperiais de traze-lo para as fazendas de café do Rio de Janeiro. Logo aí, se revelou que Zootecnia não é somente um exercício linear de aritméticas. Como as Artes, ela incorpora importantes nuances imateriais, subconscientes, da harmonia, do enxergar e do sentir, até porque grandeza não é uma lição, é um instinto.

Coisa de circunstância seguinte, o lastro expandido de fêmeas foi misturado com touros Gir, para fazer orelhas ainda maiores nos produtos, a orelha transformada em referência de valor e modernidade (ahh! ... as modernidades). O rebenque que açoitava o burros mascates era graduado, e, tantos centímetros mais a orelha tivesse, “melhor era” e tantos contos de réis valia mais, o bicho. Negocistas do imediato, contrapunham à orelha miúda do gado colonial em processo negativo de adaptação, essa noção de raça, raçado, raçudo e, portanto, do bom.

Além da quase dizimação do Guzerá superior, produziu-se um “monstrengo zootécnico” - expressão do livro de um professor sóbrio - , de ossos e peitos enormes, sem rusticidade e sem leite, de herdabilidade frouxa, de baixo rendimento de carcaça, orelha medida em palmo..... porém grande. E isso rendeu dinheiros, até que se atalhasse mais um desvio da condição humana, o que, apesar das anomalias, até ajudou a espalhar o zebu no País todo.

Desconfiei, desde aí, que faz-se confusão, entre os conceitos de **volume aparente** e **peso específico**, aprendidos quando estudei Química, nas conversas estereotipadas dos modistas, volúveis, por si. A diferença que vale em Química é a mesma pra Boi, pra Bode e pra Carneiro. Nessa área, a virtude não está, mesmo, no extremo; mais do que noutras, os valores são relativos.

O Induberaba foi saindo das Fazendas, com a chegada das balanças e pelo senso crítico e senso da proporção, remanescentes. O Guzerá salvou-se à custa de uns poucos iluminados. Bem que dizem que a humanidade não evolui aos pulos e corrige descompassos em pequenos avanços, desproporcionais à quantidade de esforços de toda ordem, mobilizados para tanto.

Hoje, se alguém simplesmente me fala, que tem um “boi graaaande” ou um “bode grande” e nada mais acrescenta, saio de mansinho, acrescentando para mim mesmo, ... e ruim ..., preferia fosse um hipopótamo sincero.

• Um artigo do lúcido Zootecnista T.R. Preston (1972), treinado nas colônias inglesas da África e Austrália, chamado “Estratégia para a Produção de Bovinos nos Trópicos” me deu jóias de entendimento e de convicção, aclarando, em linguagem e método de especialista, o cerne do que ouvia desde

menino e do que sentia, até por natureza refratária à neve, depois de grande. Está escrito lá:

“Por acaso os trópicos não se prestam, realmente, para a criação de animais, ou há outras razões, mais fundamentadas, para a evidente falta de progresso, na produção animal dessas regiões?”

*“... os trópicos, longe de serem inadequados para o desenvolvimento pecuário, oferecem possibilidades de **rendimento por unidade de área e viabilidade econômica**, que superam, em muito, as perspectivas atuais e mesmo futuras, dos países de clima temperado.”*

*“... o atraso do desenvolvimento pecuário nos trópicos, não reflete uma falta de potencial, mas, simplesmente, a falta de uma **tecnologia apropriada** a essas regiões.”*

“... a natureza dos alimentos para animais, o tipo de bovinos diferem materialmente, dos que estamos acostumados a ver nos países de clima temperado.”

Ressalta e descreve funções do rúmen, que afastam os animais da concorrência com os humanos pelos nutrientes pré-formadas dos cereais; salienta o uso da cana de açúcar como alimento animal, pela vantagem de ser cultura tropical perene, não anual, dada a chuva irregular, de elevada fotossintetização e fácil fermentação, para a síntese microbiana ruminal. Depois, tratando dos “Sistemas de Exploração”, condena a divisão das raças em produtoras de carne **ou** produtoras de leite:

“... Essa crença é, não só a que se ensina nos compêndios de Zootecnia, como a que, em geral, se pretende que seja a forma mais eficaz de satisfazer nossas necessidades em leite e carne bovina.”

“... essa separação e especialização não é o procedimento mais correto.”

*“... a **base** de toda a estratégia **racional**, é considerar as duas produções conjuntamente.”*

Ao final, supondo que se precise de 50 kg de carne (o Brasil consome, hoje, 31 kg) e 180 kg de leite (o Brasil consome 105), por pessoa e por ano, demonstra que bastariam 7 l/dia de cada vaca (2 do bezerro e 5 da pessoa) e uma cria a cada 14 meses (200 kg), para abate. Ou seja, partindo da relação de uma demanda farta, fundamentou tecnicamente o conceito da **dupla função**, carne e leite da mesma vaca, no mesmo curral, longe do luxo para importadas de hemisférios inversos, como já operava, rudemente, a realidade pecuária brasileira, carente de melhoramento e sustentação, longe da “Tabela de Morrisson”, livro texto de formulação de rações adotado aqui, placidamente embora que feito para animais **do** clima temperado, **no** clima temperado.

Esse ensaio, de lógica e relativismo cristalinos, além de retocar meu raciocínio, assanhou a mania de grandeza com meu País, com a Civilização do Couro do Nordeste e com os Guzerás verdadeiros. Em primeiro lugar, reconhecendo diferenças naturais, considerava a comida e a raça das vacas, simultaneamente, numa mesma equação; depois, declarava por decorrência, a superioridade do Brasil sobre esses lugares esquisitos, que têm a terra congelada durante um terço do tempo, tendo que amontoar dentro de casa, seus filhos e seus animais, enquanto, lá fora, a fome do resto do mundo

crescia. Por fim, condenava o que se faz aqui, por decalque servil e atitude alienante, no ensino das Escolas, onde passam aos meninos, ainda sem antídoto ou anticorpo, que é carne de um lado e leite de outro, para vacas e cabras, a serem alimentadas senão via tabelas de Morrisson, pelas do NRC ou Sistema Cornell, o que sempre me intrigou, pelo que significava de menosprezo intrínseco aos majoritários zebuínos brasileiros. Com as cabras, então, é pior: leite ou carne, ignorando a pele das Ibero-brasileiras, mais valorizada que a carcaça, que o ambiente do Nordeste qualificou superiormente; a função econômica é tripla.

Por não ter conhecido de perto, talvez, ele não chegou até esses indianos puros, já melhorados no Brasil. Se tivesse atuado também aqui, juro que tinha ido parar no Guzerá, pelo leite bastante, pelo crescimento compensatório da carcaça, pela valentia na conversão dos vegetais e pela eficiência reprodutiva. Sem dúvida, é um saxônico corrigido pelo ambiente e pela honestidade da mente em relação a outros mundos, o que é uma novidade.

● Coisa boa e animadora, é reler o artigo junto ao resumo do Controle Leiteiro Oficial: média de quase 12 kg/dia (70% na ordenha cedo e 30% à tarde), em mais de 800 lactações mensuradas, predominantemente de vacas novas, comendo nos pastos de capim Buffel/feno enquanto tem, ou Palma, Uréia e bagaço hidrolisado na cocheira e uma suplementação frugal, na hora de ordenhar. O teor de gordura médio é 5,8% – e não os 3% das vacas pretas – e o peso vivo, **no encerramento**, é de 486 kg, batendo em cima do teto australiano de 500 kg para matrizes. A idade ao primeiro parto já chegou à média anual de 34 meses e o intervalo entre partos a menos de 15, embora oscilem para mais, quando a seca é sucessiva e não se tem apoio institucional para encarar elas. Em regiões menos brabas, de capins mais regulares, se terá leite mais que o bastante, custando até 25 centavos de real o litro e um bezerro marrudo, a cada ano, para recriar pouco e abater cedo, ... no pasto. Atende à equação da demanda e à racionalidade. Não ordenhar Guzerás é uma impropriedade, ideológica e material.

● Preston não veio cá, nem estudou Guzerá. Mas, um aluno brasileiro seu, Leovigildo de Matos, da EMBRAPA (CNPGL) voltou de lá e da Austrália, publicando sobre produção de leite, para o seu e o meu País, o seguinte:

“... Dentro do ambiente econômico de busca da eficiência para competir no mercado, o produtor de leite deverá, então, substituir a velha equação “produção máxima = lucro máximo” por outra, expressa da forma: “nível de produção ótimo = lucro máximo”.

Ele deve saber bem de Guzerás de função dupla, refugando implicitamente as holando-americanas e do Canadá e, também no leite, encontra o conflito entre volume aparente e rendimento, quando conclui o estudo, deselogiando as grandalhonas:

“A melhor eficiência alimentar, permite manejar pastagens com um número maior de vacas de menor porte e, conseqüentemente, obter maiores produções por área pastejada. Além disso, vacas de menor peso adulto, tendem a ter maior vida produtiva, melhor eficiência reprodutiva e menor incidência de problemas no período periparturiente...”

• Vieram da Ásia, do século 19 até hoje, apenas 6 mil e poucos zebuínos, contra alguns milhares de *Bos taurus*, mediante importações renovadas com freqüência sistemática. Conseguimos, em menos de um século, atingir à relação de uma cabeça por habitante, o que é considerado ótimo. A corcova e os chifres tropicais dominam em mais de 85% do rebanho, convertendo o País, no produtor da carne mais suficiente do mundo. O caráter mocho só existe na Natureza fria, que não tem calor pra dissipar e se obriga a fazer pecuária à custa de lavouras dependentes do petróleo. Outra lição da História ...

• Um texto da OCDE (1983) cresce olhos para “o Espaço agriculturável do Brasil” e adianta que poderemos, sempre, produzir a carne mais barata possível, porque “... o Brasil detém o milagre mundial do boi de fotossíntese”.

• Daí, só se pode é louvar o eminente zootecnista nacional, José Maria do Couto Sampaio que, na função pública como profissional e na cátedra, do professor que foi, nunca vendeu a alma a Satanás e nem confundiu habilidade com habilismo, em defesa da Verdade e da higidez mental de seus ouvintes e leitores. Um relatório positivo, chamado “Animais e Trópicos”, que publicou em 1968, à frente de uma Comissão Técnica do Estado da Bahia, em volta ao mundo, catando afinidades melhoradoras de nossa Pecuária, começa com uma dedicatória precisa ... *“Aos importadores brasileiros de animais asiáticos, que, em várias épocas e com extraordinária visão, contribuíram para o estabelecimento de nossa Pecuária, a homenagem e o respeito dos Autores.”*

Ao longo do escrito, além dos Zebuínos notáveis que ainda existiam na Índia (basta olhar Bhadur, o touro Guzerá da capa colorida do Relatório), da pertinência das Cabras do árido sul da Espanha e de ecléticos Búfalos Leiteiros, tem mais lições:

“... A seleção do gado leiteiro para os trópicos ... problema eminentemente técnico, mas sobretudo econômico... não pode ser analisado sob a influência de paixões contraditórias... Ao contrário ... seu estudo deve ser conduzido, acima de tudo, sob conceitos firmes e capazes de concluir sem sofismas.”

“... A campanha de descrédito que se moveu ao Zebu (em São Paulo, 1920/40), foi um episódio dramático, que marcou uma página da nossa evolução.”

“... Especialmente no caso dos animais domésticos, a experiência brasileira, é mais do que afirmativa, pois prova dos dois lados: o fracasso do gado europeu e o sucesso do indiano, nos Trópicos.”

Hoje, sua viúva Dra. Marilena e sua filha, Veterinária Maria, continuam criando expressivos Guzerás e ordenhando Búfalas, na Caatinga enriquecida que ele deixou, lá em Pé de Serra, na Bahia.

• Definitivamente, intriguei-me com bicho gringo e, também, com a **ideologia escapista** de instáveis F_1 , F_2 e derivados, como um tal de “bimestiço” (??), $5/8 + 3/8$, inspirado em Monkey – macaco em inglês – que, se supõe, tendo esse sangue mágico, gerou consangüinamente o gado Santa Gertrudis, lá no Texas, dos Estados Unidos.

Passei a viver cobrando para os outros, os F-zero, ou seja, **a raça**, clara, permanente, adequada às regiões fisiográficas do Brasil e, dentro delas, seu melhoramento funcional com métodos próprios, sem decalcomania

bastarda, sem contaminações cavilosas da vaca, da comida da vaca e dos espíritos humanos.

- As especificidades zootécnicas, só podem ser fundamentais. Se não lugares homólogos onde as coisas já se definiram, veja-se a França, menor que nossa Bahia, de céu chuvoso uniforme, tendo uma dezena de raças bovinas bem determinadas, cada macaco no seu galho; ou a Inglaterra dos primeiros zootecnistas, reduzida hoje à ilha inicial do Império Britânico e a colônia americana, que mantém em cada condado, seus tipos bovinos tão bem fixados, que só dão certo lá, em cada um deles.

III – O Institucional bambo – A Luz, alguma malcriação, tristezas e seus antídotos.

Aqui no Brasil, desse tamanho, de flora vária e exuberante, de percalços climáticos menores, de vocação pecuária sem paralelo, bem na medida do verdadeiro primeiro mundo, da Ásia x Norte da África, onde surgiram o Homem e sua inquietação, o Cristo e o Sermão da Montanha, Gandhi e sua mansidão valente, capim Buffel e gado Guzerá, e pelo o que já se sabe, não há porque admitir a obscuridade da sucessão de manias futilisantes, que tanto agridem o prumo e a persistência da sensatez. Misturar raças, foi bom para fazer o povo brasileiro. De vaca, ovelha e cabra, não. A verdade, força subterrânea ativa, alcançável ou não, é um valor e o crivo da lógica tem poder normativo, para quem almeja o saber e seus resultados.

- A “Zootecnia Oficial” ou oficiosa do Brasil, ainda não tem firmeza num corpo de Doutrina e Teoria próprio. É frouxa, infensa à crônica histórica da Pecuária nacional e marcada em sua essência, por desgraciosa submissão intelectual, técnica e política, que reduz muita gente do ramo a bisonhas caricaturas “globalizadas”, sem identidade, demitidas da faculdade de pensar, geralmente ancoradas em especializações fruídas em latitudes e culturas conflitivas, longe da Índia e da África, se o problema fosse estudar lá fora, no estrangeiro, e não nos currais e campos daqui mesmo, sem pretender a reinvenção da roda.

- Os simples pecuaristas ficam atônitos, confusos, quando buscam apoios institucionais para esclarecer-se e prosperar; se defendem pelo instinto ou, brasileiramente, fazendo blague: “... o homem falou bonito, mas não entendi o que ele quer... vamos ver se **eu** me ajeito na próxima vez...”, cansei de ouvir, ao final de Seminários e Fóruns de “Capacitação dos Produtores”, a bandeira prioritária – ou o biombo de refúgio – de alienadas Agências de Fomento Rural e Assistência Técnica, particularmente do Nordeste.

- A rendição perniciosa começa por um entronchamento exibicionista da fala: produção rural virou “agribusiness”, nas paredes pregam papeletas “No Smoking”; as reuniões chamam-se “workshops”, o folheto chamado “folder”; chamam cafezinho de “coffee-break”; curral virou “free-stall” e cocho pra bezerro, “creep-feeding”. Só vejo a hora, procurarem “The Best Brazilian Breed” e não acharem o Guzerá, quando, depois do “bi-mestiço”, lançaram o “cruzamento industrial” – se ao menos, fosse cruzamento **zootécnico!** – e The Best passou a ser um tal de “Three-Cross/Bovino Composto”, que são misturas de qualquer boi europeu com as nobres zebuínas brasileiras, misturadas de novo. Pra começar, esquecem que a vida de um criador é curto

tempo para trocar tanto de camisa e digerir essa massa de modernismos, posta no lugar das evidências, sendo 4 anos o tempo mínimo de uma geração de bovinos. Pra terminar, talvez, só a vida eterna que bem merecem, como digo em momentos de pecar pela ira, imaginando-os num círculo especial do Inferno, à mercê do patrono de Invertidos e da Vulgaridade, Lúcifer.

• ã custa de poucos zebuínos nos pastos, o Brasil tornou-se o grande produtor de carne enxuta de colesterol e de loucura de vacas, para si e para o mundo. Na outra ponta, já que separam as funções, é o maior importador de européias especializadas... e de leite em pó. Duvido, com a ousadia que um leigo se dá, que a máquina que transforma fotossintetizados em carne, não possa transformar a mesma biomassa em leite. É uma questão de tipo e marca do motor, de trocar a especulação leviana pelo óbvio.

Nessas horas pecadoras e angustiosas, lá me vou reler a intervenção de Barisson Villares, ilustrado Professor Zootécnico brasileiro, no 1º Simpósio de Bovinos Leiteiros nos Trópicos (1982):

“... Somos, por assim dizer, filiados à escola conceitual do equilíbrio agropecuário, para a produção e exploração de bovinos mistos, nas regiões tropicais brasileiras.”

“... trópicos úmidos, onde a elaboração da biomassa forrageira é, quantitativamente, incomparável... plantas que fazem a mais eficiente fotossíntese pelo ciclo do C₄, não tem competidores na produção de biomassa ...”

“... o exame sereno, cuidadoso e racional ... a temperatura ao redor da linha dos trópicos ... adaptação bioclimatológica ...”

“... o estoque de grandes rebanhos zebuínos com habilidade leiteira, associado ao extraordinário homem brasileiro, constituem recursos naturais e humanos altamente positivos para as expectativas de melhoramento da produção leiteira.”

Nunca esqueci dele, na Exposição Nacional de Guzerá em Brasília (1988), em palestra didaticamente perfeita, onde os debatedores seríamos eu e Antônio Ernesto Salvo, que cedemos nossos tempos para ele continuar, quando, após comentar dados positivos de produção do Gir e do Nelore, encerrou, usando igualmente informações objetivas, com o enquadramento definitivo da Raça: “O Guzerá tem a **carne** do Nelore, o **leite** do Gir e ... é **rústico**.”

• A estrutura de Pesquisa Agropecuária do Brasil, magistralmente organizada sob a forma de Centros Regionais e por produtos, embora que 30 anos depois da estrutura de Extensão Rural, por obra de um “consultor” gringo, Mr. Apple, após a Segunda Guerra, já fez coisas fantásticas na área das lavouras. Na de Pecuária, nem tanto. Mantiveram o “Gado de Corte” e “Gado de Leite” separados e, para o 1º, foram atrás de “Cross-breedings” milagrosos. Os touros europeus, como não agüentavam namorar no campo vasto, acompanhando as vacas, pois só queriam sombra e beira d' água, atrapalharam os casamentos.

Correndo por fora, o Nelore, que, desde sua região de origem na Índia, é bom de serviço em terra de Ph alto e verde permanente, retocado pela feliz importação da década 60, levou o País até um bovino por habitante e a

exportar carne. E quando precisa digerir pasto no estágio maduro dos capins, se resolve por aqui mesmo, pegando Guzerá e fazendo Guzonel. Um **crucamento entre duas raças** definidas, de transição, e não uma mistura descaracterizadora de tipos, até que o Guzerá de dupla função chegue, quando a demografia se adensar no Centro Oeste e o Nelore desbravador siga adiante.

Para o leite, começaram (1977) querendo **fazer** uma "raça" nova, o MLB, num pacote decalcado da AMZ da Austrália, terra seca porém de colonização inglesa, sem a intuição criativa de brasileiro na partida, sem João de Abreu, e chegaram até Mico (remember Monkey) do CNPGL, um 5/8 de holandês vermelho canadense e 3/8 de Guzerá, numa 3ª geração de misturas. As zebuínas selecionadas no Brasil, às centenas, já superavam, muito, a herdabilidade e a produção das 44 Micas avaliadas e as proclamadas DLPs, do Catálogo da empresa de sêmen, para onde o primata foi mandado. Curiosamente, mico, aqui, tem outro significado, além de sagüim..... Aí, o jeito foi colar na folha, tiras paralelas de amarelo e verde, contrapostas às sugestivas vermelhas e azuis de mesmo formato que estavam lá, cordão sanitário de isolamento entre o boi desajeitado e as acrescentadas três vacas, Guzerá, Sindi e Gir, acima de 3.500 kg de leite, derivadas de uma genética profunda, melhorada entre nós mesmos, (agora, sim, escrevo melhorada sem aspas) criadores do Brasil, e uma lista grandê de outras produções, puras Guzerás, de mesmo nível. Num espaço que sobrava, desabafo da banda cangaceira do meu sangue, pregou o recorte de dois rifles, um verde e outro amarelo, um mirando o macaco e o outro, a macaqueação de quem, por decisão de justiça braba, tem merecimento.

As etapas seguintes - Zebu leiteiro e Búfalo leiteiro - foram substituídas por "pesquisar" com canadenses e americanas de 30 kg/dia, de nomes compridos tipo Watts Punk KLB 42E Funk, que não há vaqueiro nem dono que acerte chamar, hospedadas naqueles currais arrevesados, ar condicionado onde precisasse, cujos custos de alimentação e veterinária, repetidamente, todo incauto indefeso corre deles, logo que se dá conta. A "American Holstein Society" bate palmas, porque deverão ocorrer novas vindas, já que, chegando aqui, elas tapam o paridor por autodefesa e o tempo a passar é longo, até que se desenterre a lucidez, a fé e o patriotismo crítico, desse monte de enganação. Mudaram as raças a pesquisar e promover em bases técnicas, para vacas pré-fixadas, monogastrizadas, já prontas, quando teriam de mudar, já que seriam elas, o clima, o senso elementar, o homem, o pasto e o País.

- Em 1980, o Governo de Pernambuco, engodado por assessoria técnica plantando bananeira, financiou, a 3.000 dólares + frete a importação de cosmopolitas (??) holando x canadense x argentinas, 200 novilhas prenhes, para o interior despovoado pela Seca de 79. Pariram a cria da barriga, natimortas em 1/3 e mais 1/3 logo depois. Ao final da outra seca, 1983, ninguém tinha parido novamente, até porque, por terrível desconforto e desequilíbrio morreram. No rastro, o prejuízo e a desilusão de sertanejos, ainda acusados da culpa pela mortandade, permanecendo desorientados pelo curto-circuito da cultura (sic) que lhes tinham enfiado goela abaixo.

- Em 1994, ignorando, aí, **duas** lições do passado, "para recompor o rebanho pernambucano, dizimado pela seca de 93", a legenda da ampla fotografia de 1ª página, do Jornal do Comércio, continuava ...

“desembarcaram ontem, no Aeroporto dos Guararapes, 119 novilhas holandesas do Canadá, de alta performance para a produção de leite.”

Financiadas oficialmente, com o bafejo, no corpo da notícia, de *“insuspeitáveis pareceres técnicos”*, no choque térmico da descida, finaram-se vinte e uma, que seriam desembarcadas primeiro, conforme a foto, de uma defunta bem flagrada de pernas pro ar, no meio, entre o bojo do avião em cima e a carreta boiadeira estacionada em baixo. Logo ali, ao pé do Morro símbolo e glória da Restauração Pernambucana! Não deu pra segurar ... protestei por essa falta de respeito às *“mulheres de Tejucupapo”*, trazendo de volta, sob a forma quadrúpede, os expulsados há 300 anos, por elas, a pontapé de traseiro e puxavante de cabelos, à falta de outras armas.

Três meses depois só restavam cinco e nova importação da mesma fonte, agora enriquecida com Pardo Suíças Hitlerianas... da Alemanha frígida, tinha acontecido. No terraço de casa, onde ouvia sem ter pedido, o relatório, fiquei sabendo que, das novas 50 (novos 5.000 dólares/cabeça) só haviam morrido 8, porque estavam bem alimentadas e assistidas corretamente, no *“estágio de imunização e ... aclimatação”* (!?), num conjunto só, em Garanhuns, por uma equipe de 36 técnicos.

Quase um veterinário por vaca, ventiladores e 20 kg de concentrados por vaca/dia ... é *“zootecnia”* demais pros meus juízos. À saída deles, corri pro curral e depois, pro Escritório, carente de refrigério na mente e paz no espírito. Fui olhar as Guzerás, e reler a Conferência do respeitado técnico argentino Ricardo Ayerza, na Reunião da SBZ (1991) aqui na Paraíba, e depois rezar pra Deus, invocando sua Misericórdia:

“... a energia requerida pelo gado indiano é 20% menor que a requerida para raças de Bos taurus.”

“... a proteína bruta requerida para manter vacas Bos taurus é 28% maior, em comparação com o Bos indicus.”

E que citava seu professor Jorge Molina, do livro *“A Nova Conquista do Deserto”* (1979), acerca da colonização do Chaco, de seu País:

“... as raças inglesas deram bons resultados na pradaria dos pampas. No Gran Chaco, não têm aplicação nenhuma, salvo, como temos visto em algumas granjas da zona, se tenham os touros alimentados com alfafa e mantidos na sombra.”

“... quanto mais se mestiçavam com raças européias, tanto menor era a produção pecuária. Em muitos casos se chegava, inclusive, a 35% de produção.”

“Todos os plantéis de produção de carne utilizando grãos de cereais, aptos para seu consumo direto pelo homem, se revelaram totalmente ineficientes do ponto de vista do fluxo de energia que participava no processo.....”

“Em Israel, um informe do Instituto Volcani (1975) indicou a total ineficiência energética da pecuária israelense. Por cada kilocaloria no produto final obtido, se estavam gastando 2,4 kilocalorias só de combustível.... despropósito impossível de continuar com a alta dos preços do petróleo....”

“.... temos de redescobrir a produção de carne e leite mediante a utilização de pastos e não de grãos de cereais.....”

“Segundo Borlaugh – prêmio Nobel da Paz – 30% dos cereais do mundo são consumidos para produzir carne”

“... o mesmo Dr. Borlaugh diz que, se se eliminar o animal como intermediário, em escala mundial, o problema da alimentação podia ser resolvido em tempo prudencial....”

Também destacou alegações escritas por Bonsma, que a mim dizem, sempre, muito:

“A seleção é nossa ferramenta mais poderosa e é chegado o momento em que devemos regionalizar nossa produção ganadera sobre bases ecológicas ... animais que possam suportar as altas temperaturas atmosféricas ... imprescindível selecionar gado com pelagem suave, lisa, de cor clara ...”

“... a meta da criação animal é produzir a máxima quantidade por unidade de superfície e somente será um êxito, através da completa adaptabilidade e uma seleção por eficiência funcional e eficiente conversão dos alimentos ...

“... a relação entre o animal e seu meio ambiente deve ser compreendida muito bem.”

Estudaram a fundo e vieram buscar Zebu no Brasil, considerando o problema da raça a criar, **“componente técnica fundamental”** para o atraso ou a evolução possível, para converter *“... el Gran Chaco en la carniceria del mundo”*. (O Chaco, geograficamente, tem a mesma dimensão que o Semi-árido nordestino).

IV – Outras lições e outros desgostos.

● Precisei reler, também, as entrevistas de Felisberto Camargo, 1952 e 1954, brilhante e sério zootecnista **brasileiro**, dirigindo o IPEAN – Instituto de Pesquisa Agropecuária do Norte, no Pará, que, de tal modo conscientizado pela experiência em seu ofício, condenava as vacas tristonhas, como o caminho para ter leite e carne naquele mundão futuroso da Amazônia.

Havendo já repassado à Universidade do Pará, 40 fêmeas Guzerá JA para pesquisa e difusão, voltava da Ásia trazendo 31 Sindis, **“gado nacional do Paquistão”**, originado ao norte, no Afeganistão, material genético diferenciado, por ser destinado ao Governo do Brasil. Explicava essas duas iniciativas e sua insistência, senão bendita teimosia, para chegar em Fernando de Noronha, dentro do avião com o gado. Vencida a quarentena exigida de dois anos (!?), transferiu o rebanho para Belterra e, só aí, dignamente, requereu sua aposentadoria do público serviço e deu, na saída, a segunda entrevista, ao *“Mundo Agrário”* do Diário de Notícias, contando as coisas essenciais.

Fora punido porque, já no Paquistão, não cumpriu a contra-ordem do Ministro suspendendo a compra e depois, fez-se a luz, foi condecorado por Ministro posterior, porque trouxe. Encontrou, para nós, por esse caminho de aspereza e desencontro, mais um zebuínio milenar de ainda menor volume aparente e poderosa eficiência: precoce, prolífico, bom de leite, rústico, de ossos finos e carcaça rica. Vitória do Brasil real ... Viva o povo brasileiro!

● Eu já tinha sabido porque a raça Chianina, seca, pernalta, grandona, selecionada pelos italianos para tração pesada nos Alpes e, por isso, arquivada

pelo motor a diesel, de repente voltou a expandir-se: o Brasil passou a compra-la avidamente. Vi muito o rastro dela nas coxas batidas e na altura súbita de muitas "Nelores" em Exposições. A medicina havia descoberto mais sobre o colesterol ruim e as raças inglesas de corte, abasadas por seleção, tiveram que enxugar a gordura entremeada nas carnes, "levantando" as carcaças da proximidade do chão. O conceito de "carne boa", de repente, foi trocado.

Os arautos da nova circunstância, parcos de critério, sem lembrar que os zebus não precisavam disso porque já tinham, naturalmente, a carne enxuta, com a gordura menor e apenas sobreposta, proclamaram a "modernity" e danaram-se a sungar as canelas do gado; "boi alto", dorso e anca na mesma horizontal e peso absoluto crescente, para estourar, com ossos pesados e banha, as tabelas das pistas de julgamento. O rendimento em carne, a fertilidade e a produção de leite para a cria desabaram; a parte consciente que safou-se dessa, vem corrigindo o desvio. A perna alta da vez, tinha a mesma natureza de conversa ôca, que a orelha grande de antanho... O subdesenvolvimento é um fenômeno integral

Mas, até aí, ainda entendi: "... o Nelore é criado para corte e o primeiro mundo (sic) do patrono fez na dele, eu, que sou "moderno" e "de vanguarda" tenho de fazer na minha....."; esquecendo a lição do experiente Professor Bonsma, da África do Sul, numa conferência em São Paulo (1982), onde demonstrou que um Zebu e um Bos taurus diferem radicalmente, desde as narinas até a ponta da cauda, por fora e por dentro.

● O que não pude entender até hoje, foi o surto herege posterior de "Guzerá moderno", que passei a ver e ouvir sob elogios. Lá se foi ele, conduzido a reboque daquele Neloroso, "campeão" de pistas intencionais e efêmeras, sem qualquer necessidade, até porque esse - se era pra imitar dissonâncias alheias sem pensar - já recuava do equívoco engendrado e o Guzerá, em seu lugar, já tinha tudo: era bastante eficiente no seu porte racional, na área (e não somente a linha) dorso lombar ampla, garupa inclinada para fecundar e parir fácil, coxões cheios e afastados para caber bom úbere, harmônico, enfim, de **categoria** plena e própria. Fizeram compostos anômalos: sem lombo largo, sem leite, sem chifres, neo-orelhudo, ossudão, disforme, com o andar e jeito de cavalo trupizupe, de fenótipo confuso e genótipo diluído, porém pesados. Muito pesados aliás, na balança vivo, nos neo-umbigos e no novo estilo, sem refinamento de linhas, sem a nobreza da raça, modernozo, brega, parecendo coisa de Miami e não da Índia.

A dificuldade para um novo criador distinguir entre o fortuito bem cantado e a verdade permanente, perturba a administração do conflito entre uma vaidade e a razão - que emergirá um dia - e mais estraga do que ajuda a expandir a Raça, deixando mais longe o ponto de equilíbrio entre a racionalidade e o orgulho. Mesmo o orgulho sendo considerado o pai dos pecados, é fatal: quem se envolve com o Guzerá, chega nele, embora convertido num fator de construção. Ficar na vaidade menor é coisa de diletante, é ruim: não é positiva, ilude o portador, confunde o neófito e cansa a paciência dos outros.

V - Outras alegrias - A sustentação da persistência e a elaboração da perenidade.

● De volta ao pavilhão onde assistíamos a ordenha pública de Guzerás sem farmacologia, dando até 21 kg e onde uma novilha muito expressiva da

raça, precoce e dócil por natureza, sem maior trato, já convertia pro balde 12 kg de leite, meus dois filhos Joaquim e Daniel, comentavam, intrigados, o julgamento que acabavam de assistir – o primeiro a que prestavam atenção. A Campeã teve peso absoluto de 699 kg e a reservada, 698, ambas com cria ao pé. Eles, considerando o resultado trocado, pois achavam bem melhor a segunda e tendo ouvido que essa tonelagem era resultante do embaimento permanente, desde bezerras, e a adição no cocho de até 18 kg/dia de concentrados e que “assim é que se tem de fazer, para entrar nas pistas”, estranhavam a magrelice e pêlos grossos dos bezerros, apesar do farelo, e estavam confusos para discernir entre o bom e o melhor, entre o que era certo ou errado. Certamente surpresos com a “filosofia” e o contraste entre o que viram / ouviram e as cocheiras da Carnaúba, já cogitavam de me supor um sovina com as vacas, desatualizado na vontade e na “ciência” da criação.

Roosevelt Garcia, o guzeratista dono da novilha boa e da acuidade, do humor refinado e da riqueza intelectual que se conhece, foi em socorro deles: “Quem decide mesmo é a balança, por isso a diferença na premiação. Aquela conversa do rapaz de chapéu texano é mero discurso de abertura; é uma só, banal, anódina, decorada pra qualquer categoria de idade e qualquer raça. É jogo de arquibancadas e não pro curral. Reparem até no detalhe, nem mais é chamado de **juiz**, aquele que pergunta, explica, pondera, ensina e, por fim, dá a sentença; agora já é classificado de **jurado**. Por analogia com os Tribunais, os jurados são apenas palpiteiros, quem sabe distinguir é o outro; deixem isso prá lá e atentem para a ação construtiva implícita nesses baldes cheios e nessas vacas relativas, sem exagero de tamanho, costelas cobertas e bezerros gordos, sem patacas de banha no corpo e sem jeitão de macho, comendo feno e concentrado leve”.

Outro companheiro, ao lado, comentou: a humanidade não começou agora e o que é feito hoje com o apelido enfático de moderno, não é, necessariamente, superior ao de ontem, chamado por isso, de antigo, arcaico. Muitas vezes, sem qualquer saudosismo, o clássico, o “arcaico”, é melhor, é perene. Foi o que faltava pra Roosevelt arrematar: O Guzerá arcaico é que vale a pena, é, por exemplo, o meu, o de seu Pai, o de Woden Madruga, o de João de Abreu o de Mohenjo – Daro, o de quem crê em Deus e olha adiante, a partir do que já houve, do ontem, para seguir no seu trabalho, do qual depende para viver.

Gostei dessa trama toda e fiquei chamando o Guzerá x Guzerá, de Arcaico e tenho passado a estória adiante, com aceitações reflexivas.

A Joaquim e Daniel, de volta à casa, dei pra ler uma parte do livro “Estudo sobre Seleção do Gado”, do professor Bonsma, formulador da teoria da Eficiência Funcional de Bovinos, chamado a fazer palestras no mundo inteiro, onde trata da influência do meio – a luz, a temperatura, a radiação solar, a latitude, a acidez do chão, o vento, a atitude, etc. sobre os gados:

“... Em minha concepção da produção animal, o homem é o fator ambiental mais importante ...

” ... se o homem muda os métodos devido a fatores externos à Fazenda e perde o incentivo para criar melhores animais, o programa de melhoramento degenerará é uma faceta da produção pecuária dos Estados Unidos que me preocupa. Muitos criadores não necessitam obter utilidades de suas Fazendas, já que fazem dinheiro em outros campos, do comércio e da indústria participam da produção ganadera porque a consideram um símbolo de sua posição

social e financeira. Assim, muitas das iniciativas que começaram sendo um honesto esforço para disseminar sementes superiores têm degenerado, até chegar a converter-se em simples acontecimentos sociais, onde se demonstra o poder material e se comercia através da posição social e da amizade ... “.

Agora há pouco, eles vieram me mostrar, muito animados, o artigo “A cara do Nelore”, na revista Agropecuária Tropical, do tradicional criador Orestes Prata Tibery Júnior:

“... que o sucesso não seja passageiro. ... É preciso que esteja alicerçado na pureza racial que está sendo descaracterizada ... na harmonia da carcaça que está sendo menos importante que o super-peso, na fertilidade que está sendo valorizada pela prenhez precoce ... na grande maioria feita artificialmente ... “.

“... será que os mais pesados são os melhores ? Nelore não pode seguir os métodos de seleção das raças européias. verdadeiro “arrastão tecnológico” As mães dos grandes raçadores não são as vacônas pesadas e grosseiras, e sim as femininas caracterizadas e harmoniosas ... “.

“... Já erramos feio com os pernaltas que atrasaram a nossa seleção. Agora erramos com o exagero do peso e da prenhez precoce. o Nelore já tem peso suficiente ... vamos cuidar da boa distribuição da carcaça ... o padrão racial existe e tem que ser respeitado ... “.

“... Nelore tem que ter cara. A cara do Nelore é a mesma de sua origem, de animais com histórico e carga genética ... não pode caminhar para virar cara de Brahma”

Apêlo do Brasil real. Ele está também aí. Viva ele!

● Ouvi há poucos dias, na palestra de um perplexo assessor espanhol da FAO, para conservação de recursos genéticos animais, temporariamente no Brasil, que os belgas ativaram a criação de BBB porque ... o Brasil estava pedindo compra. O “charme” desse boizanzão bundoso, é não saber mais andar e as vacas só parirem por cesarianas. Assim é de lascar; é doidice demais da banda caricata do Brasil.... Morras a esse estado de espírito globoso, pseudo integrador dos bichos e povos do mundo!!

● O último episódio guzeratista que acompanhei, pela televisão, foi o leilão da Exposição de Governador Valadares, agora em julho. Virgílio Melo e Vânia Pena, do Centro Brasileiro de Melhoramento do Guzerá, haviam me dito que esperavam aquela mostra ser uma espécie de divisor de águas para a Raça e seu mercado. A meu ver, foi. A campeã do torneio leiteiro (29 kg/dia), era uma Guzerá arcaica espetacular, com 15 anos de idade! Ela e as demais, um grupo grande de boas leiteiras, liras bem assentadas na canga, mansas, vivazes, foram arrematadas a bom preço. Quando surgiam umas mochoilas, as freudianas como eu chamo, grosseiras, longas orelhas viradas pra frente, pescoço curto esticado pro chão e olhar feroz, os vaqueiros subiam na cerca ... e os lances esfriavam.

Nosso estimado companheiro, Benício Cavalcanti, criador de entusiasmo e visão imensas, recém Presidente da ACGB, telefonou, vibrante: Eu vi lá que o Guzerá voltou a convencer ... tinha carcaça ampla, **tinha leite**,

tinha temperamento, **tinha raça e deu preço**. Quem não se enquadrava, valeu bem menos. Copiar Brahma ou repetir o desencontro histórico dos orelhudos, é um retrocesso, não tem sentido nenhum. É uma questão, até, de patriotismo.

Lá fui eu de novo viva o Brasil real, viva o povo brasileiro !!

● Não se deve negar, a ninguém, o exercício sagrado do livre arbítrio ou o valor de discordâncias iluminadoras, senão, no extremo da conversão desses consentimentos, em leviandade ou discórdia.

Há quem "simpatize" e queira outro boi x vaca, ou, subvertendo as referências, atropela virtudes imemoriais, plasmadas nos cinco mil anos desde Mohenjo-Daro, que fixaram a rusticidade, a harmonia entre forma e tamanho, a prepotência genética, a beleza fidalga, a fertilidade e a evolução multifuncional do Kankrej x Guzerá, misturando ele com outras coisas, em troca de volumes forjados, canelas de sub-férteis, supressão dos chifres para dissimulações, ou o que mais seja, desse viés sem razões fundamentadas. Um anúncio recente dizendo "*Guzerá, o zebu com carcaça de europeu*", é uma contrafação, uma calúnia zootécnica, uma besteirada; Guzerá tem que ter carcaça de Zebu Guzerá ... até porque é melhor !! .

Fui inteiramente convencido de que, se o lugar for o mundo ensolarado, sem friagens do chão, de fotossíntese plena ou secura intercalada, se a vontade é enxergar o Brasil Tropical produzindo para seu povo, alimentos qualificados até nos custos, e, mais que tudo, o Nordeste Pecuário do Brasil, o melhor caminho e não outro, é o da expansão do Guzerá de verdade - Compatível, Puro, Comedor de folhagens, Porte Médio e Expressivo, bom de Leite e de Lombo, Firme de Genética, sem crises de aclimação.

Ou, no horizonte de uma Pecuária ímpar, aquele que carrega consigo o essencial e acessórios valiosos: convergência e perenidade das variáveis zootécnicas primárias, integração de funções produtivas, melhor aproveitador de pastagens maduras, antecipador do futuro e, pelo lado subjetivo do Bem, indutor da contemplação da Beleza, aumentando a alegria de viver e, por tudo, à valentia interior que ajuda a nos defendermos de mistificações subversivas, como a panacéia da "globalização competitiva", servindo de desculpa para tudo que é erro, tudo quanto é feio e de mau gosto, que converte o circunstancial em negativismo e que exprime, por si mesma, um conceito falso.

O Guzerá verdadeiro, "arcaico", na Índia também chamado Talabad, que significa "**o gado do lugar**", pode romper muitas limitações da produção rural e de satisfação humana; ele é tecnicamente apropriado, politicamente racional, economicamente bastante e emocionalmente saudável, capaz de resistir a espasmos coloniais. E o melhor cruzamento será, pois, o de Guzerá... com Guzerá. Os fundamentos biológicos e o equilíbrio funcional desse elemento extraordinário, não podem ser destratados. É uma grosseria com Chuí, Domadora e Energia, é desconsiderar a Civilização que se cria no mundo dos Trópicos, e até, uma falta de respeito à Grandeza do Deus Shiva, que concebeu o Kankrej em louvor ao boi Nandi, a Divindade.

● Talvez tenha, nesses assuntos do meu entorno da vida de trabalho, me transformado num obcecado, recorrente, angustiado, mas, sempre um esperançoso. Minha relação com o Sertão é intensa, funda e inevitável.

Há que se tomar o Brasil como referência para o Brasil, numa síntese entre a lógica cartesiana, o potencial claro e a consciência histórica, para

consolidar a Nação brasileira e, dentro dela, mais que tudo, o seu Nordeste das águas desarrumadas, da "Civilização do Couro" recriada em novas bases tecnológicas.

Ainda tenho um sonho: é ver esse Nordeste sóbrio, semeado de capins Buffel e suas leguminosas nativas, Palma, Guzerá, Cabras Ibero-brasileiras de múltipla função e Ovelhas deslanadas não enegrecidas por ignorância ou engodo e, por via de consequência, de gente feliz, capaz de preservar a intrínseca alegria do povo brasileiro.

O outro sonho é que o Guzerá, o gado do lugar, pela sua amplitude e sinergia, seja nomeado "**gado nacional do Brasil**", o que proponho aqui.

Indiciado, ou vai preso na etapa seguinte, ou é absolvido e volta pra casa; o depoimento que dá, às vezes é decisivo.

Depois de agora, se me contrariarem, não acho outro jeito: vou preservar, sem sofismas; a cortesia da clareza, inspirado num cabreiro sertanejo, que veio escolher bodes e disse, contente por isso, que as conversas aqui, sobre Raças animais, eram firmadas, não tinham **se** nem **talvez**, e vou buscar a paz, imitando um personagem de Ariano Suassuna que, para sair de um falatório sem prumo e rumo, atalhou a discussão, dividindo a humanidade em dois grupos: os que concordavam com ele ... e os equivocados. O filho de Deus, conterrâneo pelo Cariri de Nazaré, me perdoará do pecado eventual, seja pelo tamanho desse depoimento ou pela soberba implícita no final dele.

Fazenda Carnaúba, 22 de Julho de 2003

Manelito Dantas